

Alice Giroto *Pesadelos, Excessos, Utopias.* *A Representação do Poder* *em Angola entre Literatura* *e Artes Visuais*

Giorgio de Marchis

Università degli Studi Roma Tre, Italia

Resenha de Giroto, A. (2022). *Pesadelos, Excessos, Utopias. A Representação do Poder em Angola entre Literatura e Artes Visuais*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 162 pp.

Adriano Mixinge, um dos mais conceituados críticos angolanos de arte contemporânea, afirma que «a Arte contemporânea é, hoje, um dos mais conflituosos espaços de recriação das experiências da angolidade: é nela que hoje assistimos a não tão subtil guerra das representações simbólicas e expressivas» (Mixinge 2009, 280). Provavelmente partindo das considerações de Mixinge (que, não por acaso, se encontra imediatamente citado em abertura do volume), Alice Giroto optou por analisar as relações entre a literatura e as artes visuais no contexto angolano, propondo uma inovadora abordagem do meio cultural do país e oferecendo ao leitor uma análise original das estéticas subjacentes à contemporaneidade angolana. A perspetiva comparada e inter-artística adotada pela autora constitui uma contribuição pioneira e – talvez ciente da dificuldade de apreensão de uma realidade complexa e escorregadia, que impõe aos investigadores escolhas que acabam por ser sempre políticas – revelou-se particularmente bem sucedida por operar uma análise temática fortemente ancorada numa rigorosa periodização



Edizioni
Ca'Foscari

Submitted 2023-09-11

Published 2023-12-18

Open access

© 2023 de Marchis | © 4.0



Citation de Marchis, G. (2023). Review of *Pesadelos, Excessos, Utopias. A Representação do Poder em Angola entre Literatura e Artes Visuais*, by Giroto, A. *Il Tolomeo*, 25, 347-352.

DOI 10.30687/Tol/2499-5975/2023/01/034

347

histórica. O objetivo de *Pesadelos, Excessos, Utopias*, como também refere o subtítulo do volume, «é o de identificar e confrontar quais são as características do poder que se evidenciam através das duas expressões artísticas consideradas» (Giroto 2022, 17), privilegiando as relações de poder estabelecidas no espaço urbano, as personificações do poder e a sua redefinição em formas alternativas e utópicas.

O estudo está estruturado em três capítulos e o primeiro é inextricavelmente dedicado à cidade de Luanda – *locus horrendus*, como se verá, para alguns dos mais aclamados escritores contemporâneos – que o artista Kiluanji Kia Henda em parte redime, valorizando o musseque como espaço-matriz de uma nova identidade nacional, híbrida, informal, criativa e impermeável a toda interferência institucional. No entanto, no complexo conjunto expositivo *A City Called Mirage* (2013), Kiluanji Kia Henda põe em causa a ‘dubaização’ como modelo negativo de desenvolvimento urbano, completamente desligado do seu contexto e, na sua dependência imprudente das redes financeiras globais, também perigosamente ilusório. A cidade-miragem concebida no deserto do Namibe por Kiluanji Kia Henda – na qual, parafraseando uma célebre canção de Caetano Veloso, tudo parece que ainda é construção e já é ruína – espelha-se na Luanda de alguns recentes romances distópicos, caracterizados por uma estética da desordem vertical sem limites (*Barroco Tropical*, romance de 2009 de José Eduardo Agualusa) e pelo colapso colectivo de uma comunidade cidadina condenada pela riqueza do seu próprio subsolo (*Os Transparentes*, romance de 2012 de Ondjaki). Se Kiluanji Kia Henda denuncia uma cidade sem alma que surge do nada e se redime só graças à valorização dos antigos espaços de exclusão, nas obras literárias o veneno que contamina Luanda é o petróleo – como Pepetela já tinha intuído em 1999 num conto intitulado *O nosso país é bué* – e, como justamente escreve Alice Giroto, o boom petrolífero traduz-se no panorama artístico e literário angolano em

uma Luanda à beira do abismo, onde a origem do conflito já não está em invasores colonialistas vindos de fora, mas no interior da cidade, entre as pregas de um poder subjugado a uma espiral quase infinita de corrupção e de uma riqueza desde sempre produzida em abundância, mas nunca verdadeiramente desfrutada para todos. (53)

O segundo capítulo – bem construído à volta da figura retórica da personificação, declinada em chave irónica, satírica ou grotesca – centra-se, pois, nos responsáveis por essa catástrofe, nas figuras que encarnam um poder que, na pós-colonialidade angolana, acabou por intoxicar todo o organismo social. Um poder que, no contexto angolano, Giroto sintetiza nos termos da «não-existência de uma lei

igual para todos» (60), interpretando-o à luz da categoria proposta por Achille Mbembe do *entanglement*:

Resultado da reelaboração de instituições tradicionais no contexto das novas configurações estatais pós-coloniais, da apropriação readaptada da herança colonial e do posicionamento no sistema de relações políticas e económicas internacionais, elemento que favorece o prevalecer da violência das lógicas económicas e o recrutamento mascarado do governo privado indireto por parte do poder público estatal. (58)

O que poderia dar no capítulo menos original de *Pesadelos, Excessos, Utopias*, surpreende o leitor pela capacidade da autora de pôr em diálogo obras literárias sobre as quais a crítica já se debruçou longamente (basta pensar num romance como *Predadores*, de Pepetela, ou nos contos de João Melo) com obras de artistas contemporâneos como Nástio Mosquito, Paulo Kapela e Yonamine. Desse diálogo emerge o retrato de uma burguesia violenta e obscena, dominada pela corrupção, pela especulação e pela concentração da riqueza nas mãos de poucos, mas é evidente que sobre esta sociedade paira o espectro do antigo presidente José Eduardo dos Santos. Deste ponto de vista, os escritores são mais reticentes e alusivos do que os artistas plásticos angolanos – que, pelo contrário, denunciam de forma mais ou menos explícita a onnipresença dum presidente que governou o país durante quase quarenta anos (1979-2017). Exemplar, neste sentido, a serigrafia *Vitória é Certa Futebol Clube* (2009) de Yonamine, que retrata uma improvável equipa de futebol constituída por um único jogador (o presidente José Eduardo dos Santos) repetido, no entanto, treze vezes. Na obra, há uma clara referência ao slogan revolucionário do MPLA («A luta continua, a vitória é certa!»), mas Giroto justamente assinala a alusão ao resultado das eleições legislativas de 2008, que atribuíram a grande maioria ao partido liderado por dos Santos, e ao obstructionismo e à manipulação das normas constitucionais postas em prática pelo presidente para se manter no poder. A vitória da equipa presidencial é, portanto, certa, mas, para compreender a ironia da obra de Yonamine, é bom lembrar que as regras do jogo exigem equipas com um máximo de onze jogadores...

No terceiro capítulo, a autora interrompe a análise comparada entre obras literárias e obras artísticas, reconhecendo que, na definição de um projeto alternativo de poder, «o ponto de contacto entre elas é mínimo e indireto e não justifica, portanto, uma análise comparada que as entrelace» (Giroto 2022, 105). Na interpretação de Giroto, a literatura e as artes plásticas parecem, pelo menos em Angola, seguir caminhos diferentes, com uma clara prevalência do desencanto e da desilusão nas obras literárias, contra uma reinterpretção criativa do que resta da utopia revolucionária nas artes plásticas. Do lado

literário, o percurso de desilusão de uma nação que não corresponde à utopia marxista e anticolonialista que levou à sua independência tem na obra de Pepetela uma referência incontornável, que Girotto justamente não descarta. Mais surpreendente a atenção que a autora reserva ao romance *O Reino das Casuarinas* (2014) de José Luís Mendonça, em que o escritor angolano encena a «profunda contradição representada pela utopia ao poder» (Girotto 2022, 124). Do lado da arte contemporânea, para analisar as suas obras fotográficas *Transit* (2008), *Balumuka (Ambush)* (2010) e *Redefining the Power* (2011), Alice Girotto recupera habilmente as considerações de Kiluanji Kia Henda sobre o musseque como espaço utópico de redefinição criativa do poder e da cultura, apresentadas no primeiro capítulo (Girotto 2022, 26). Refletir sobre a remoção dos monumentos da época colonial e a sua substituição (parcial) por novos heróis da pátria (alguns não menos problemáticos) permite ao artista angolano questionar a função (e a reinvenção) dos monumentos (e, diria eu, a precariedade da condição heroica na contemporaneidade), levando Alice Girotto a interpretar esta obra do artista angolano nos seguintes termos:

Ao apropriar-se de espaços e símbolos da história e da mitologia nacionais reinventa-lhes o uso e atualiza-lhes a interpretação, propondo um olhar original que desfaz discursos e verdades pré-constituídos para dar uma nova linfa imaginativa e criativa a um futuro que está ainda por construir e do qual os angolanos podem ser os únicos ‘donos’. (147)

A Adriano Mixinge, que em 2005 lhe pedia que esclarecesse as estratégias adotadas na criação da sua obra, o poeta e artista plástico Fernando Costa Andrade respondeu respondeu da seguinte maneira

Também depois de me aproximar de Morandi, dos paisagistas ingleses e neerlandeses, convenci-me definitivamente do que viria dizer um dia Henrique Abranches, que a minha pintura e a minha poesia se complementavam uma à outra. Penso seriamente que essa constatação prejudicava e prejudica ambas: não são completas por si só, quando tomadas independentemente. (Mixinge 2009, 217)

Tal como a obra de Ndunduma, que, como o próprio autor reconhece, não pode ser compreendida separando a pintura da poesia, também a literatura angolana contemporânea, para ser corretamente interpretada, precisa de ser analisada numa perspetiva comparada que dialogue também com as obras dos artistas plásticos. No meio cultural angolano contemporâneo, literatura e arte não são completas por si só e complementam-se uma à outra. Sendo assim, Alice Girotto tem o mérito indiscutível de ter apontando aonde nos pode levar a

investigação das intersecções entre arte e literatura no âmbito dos países africanos de língua portuguesa e, por isso, *Pesadelos, Excessos, Utopias. A Representação do Poder em Angola entre Literatura e Artes Visuais* é uma obra de referência, que traça caminhos hermenêuticos que deverão ser seguidos no futuro.

Bibliografia

Mixinge, A. (2009). *Made in Angola. Arte Contemporânea, Artistas e Debates*. Paris: L'Harmattan.

